



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROFESSOR JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUCAS BARBOSA DAMASCENO

**O HOMEM COMO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E
REALIZAÇÕES**

**Imperatriz-MA
2025**

LUCAS BARBOSA DAMASCENO

**O HOMEM COMO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E
REALIZAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Memorial de Formação, apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Simone Regina Omizzolo

**Imperatriz-MA
2025**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Barbosa Damasceno, Lucas.

O HOMEM COMO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL:

DESAFIOS E REALIZAÇÕES / Lucas Barbosa Damasceno. - 2025.

32 p.

Orientador(a): Simone Regina Omizzolo.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Educação Infantil. 2. Estágio Supervisionado. 3.

Formação Pedagógica. 4. Aprendizagens. I. Regina

Omizzolo, Simone. II. Título.

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

LUCAS BARBOSA DAMASCENO

**O HOMEM COMO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E
REALIZAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Memorial de Formação, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Simone Regina Omizzolo
Universidade Federal do Maranhão

1º Examinadora: Profa. Dra. Francisca Melo Agapito
Universidade Federal do Maranhão

2º Examinador: Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli
Universidade Federal do Maranhão

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha esposa, e família,
sem eles não seria possível chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho de conclusão de curso é, para mim, mais do que encerrar uma etapa acadêmica: é materializar um sonho construído com muito esforço, dedicação e apoio de pessoas fundamentais ao longo desta trajetória. Por isso, este espaço é dedicado a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que este momento fosse possível.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele certamente não seria possível realizar e concluir essa trajetória, até aqui me ajudou o Senhor. À minha esposa Samara da Costa Pereira Damasceno, companheira incansável e presença constante em todos os momentos. Seu amor, paciência, incentivo e compreensão foram fundamentais para que eu conseguisse enfrentar os desafios desta caminhada. Obrigado por acreditar em mim mesmo nos momentos em que eu duvidei. Esta conquista também é sua.

Aos meus pais, João Luís e Maria Aparecida, e minha irmã Beatriz sou grato por serem meu alicerce e fonte de inspiração. A vocês, que sempre me ensinaram o valor do trabalho, da honestidade e da perseverança, minha eterna gratidão. À minha mãe, pelo carinho, pela força e pelas orações. Ao meu pai, por ser exemplo de integridade e dedicação. Todo o esforço que fiz até aqui carrega muito do que aprendi com vocês.

Às minhas orientadoras, Prof.^a Simone Regina Omizzolo e a Prof.^a Francisca Melo Agapito, deixo meus mais sinceros agradecimentos. Agradeço não apenas pela orientação técnica, mas também pela sensibilidade, paciência e compromisso com minha formação. Suas contribuições foram fundamentais para que este trabalho alcançasse profundidade, clareza e sentido.

Agradeço também aos professores e professoras do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, que, ao longo da graduação, contribuíram para minha formação crítica, ética e profissional. Cada aula, cada debate e cada desafio acadêmico foi parte essencial desse processo de crescimento.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, mesmo não citadas nominalmente, estiveram presentes nesta jornada com palavras de incentivo, gestos de carinho ou simplesmente acreditando no meu potencial.

Muito obrigado a todos!

“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem”.

Hebreus 11.1

RESUMO

A presença masculina na Educação Infantil ainda é marcada por inúmeros desafios, estigmas e resistências sociais. Ser homem atuando nesse campo educacional, tradicionalmente associado ao cuidado e à afetividade — atributos historicamente atribuídos às mulheres — significa enfrentar diariamente olhares desconfiados, discursos velados e estruturas institucionais que muitas vezes reforçam barreiras simbólicas à permanência e valorização desse profissional. Minha trajetória pessoal revela essa realidade. Desde o início da formação em Pedagogia, percebi como a escolha pela Educação Infantil causava estranhamento não apenas entre colegas, mas até mesmo entre docentes e familiares. Comentários como "isso não é profissão para homem" ou "você vai dar banho em criança?" tornaram-se frequentes, evidenciando o peso dos estereótipos de gênero que ainda estruturam o imaginário social sobre o papel do educador na infância. O foco deste trabalho é analisar os principais desafios enfrentados na construção da identidade docente de pessoas do sexo masculino, assim fletindo sobre minha trajetória de formação e experiências como homem na Educação Infantil. Trazendo reflexões sobre os desafios enfrentados por homens na Educação Infantil, destacando as barreiras simbólicas impostas por estereótipos de gênero e a desconfiança social em torno do cuidado infantil masculino. A experiência pessoal evidencia como a presença masculina nesse espaço provoca estranhamentos, mas também contribui para a ampliação de perspectivas sobre a masculinidade. A atuação de professores homens, como apontam autores como Guacira Lopes Louro, Everardo Rocha e José Jorge de Carvalho Nascimento, é essencial para romper modelos tradicionais. O fortalecimento da identidade profissional e a criação de redes de apoio são estratégias fundamentais para enfrentar o isolamento e reafirmar a presença masculina na educação infantil. Adoto como metodologia o memorial de formação, uma narrativa que se alinha à abordagem da pesquisa autobiográfica, permitindo resgatar vivências, sentimentos e aprendizagens construídas ao longo do curso de Pedagogia e das experiências de estágio. A presença de professores homens na Educação Infantil ainda gera estranhamento e vigilância, marcados por preconceitos relacionados ao toque, à afetividade e ao papel social do educador. No entanto, a prática revela que essa presença também tem potencial transformador, ao contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero e para a promoção de uma educação mais plural. A construção de uma identidade docente sólida e a criação de redes de apoio entre homens educadores se mostram fundamentais para enfrentar o isolamento e reafirmar seu lugar na docência infantil. Como resultado deste exercício é possível afirmar que ser homem na Educação Infantil exige coragem para enfrentar estigmas, resiliência para superar resistências e compromisso ético com uma educação mais igualitária e inclusiva. Mais do que um desafio pessoal, trata-se de uma luta coletiva por reconhecimento e valorização profissional, que precisa ser enfrentada com apoio institucional e transformação cultural. A construção de uma identidade docente sólida e a criação de redes de apoio entre homens educadores se mostram fundamentais para enfrentar o isolamento e reafirmar seu lugar na docência infantil. Como resultado desse exercício é possível afirmar que se homem na Educação Infantil exige coragem para enfrentar estigmas, resiliência para superar resistências e compromisso ético com uma educação mais igualitária e inclusiva. Mais do que um desafio pessoal, trata-se de uma luta coletiva por reconhecimento e valorização profissional, que precisa ser enfrentada com apoio institucional e transformação cultural.

Palavras-chave: Ed.Infantil. Estágio Supervisionado. Formação pedagógica. Aprendizagens

ABSTRACT

The male presence in Early Childhood Education is still marked by countless challenges, stigmas, and social resistance. Being a man working in this educational field, traditionally associated with care and affection—attributes historically attributed to women—means daily facing suspicious looks, veiled discourse, and institutional structures that often reinforce symbolic barriers to the permanence and appreciation of these professionals. My personal journey reveals this reality. From the beginning of my Pedagogy training, I noticed how choosing Early Childhood Education caused strangeness not only among colleagues, but even among teachers and family members. Comments like "this isn't a profession for men" or "are you going to bathe a child?" became frequent, highlighting the weight of gender stereotypes that still structure the social imagination regarding the role of educators in childhood. The focus of this work is to analyze the main challenges faced in constructing male teaching identity, reflecting on my own educational trajectory and experiences as a man in Early Childhood Education. I reflect on the challenges faced by men in Early Childhood Education, highlighting the symbolic barriers imposed by gender stereotypes and social distrust surrounding male childcare. Personal experience highlights how the male presence in this space creates feelings of estrangement, but also contributes to broadening perspectives on masculinity. The work of male teachers, as authors such as Louro, Rocha, and Nascimento point out, is essential to breaking traditional models. Strengthening professional identity and creating support networks are fundamental strategies for confronting isolation and reaffirming the male presence in Early Childhood Education. I adopt the training memorial as my methodology, a narrative that aligns with the autobiographical research approach, allowing me to recapture experiences, feelings, and learning acquired throughout my Pedagogy degree and internship experiences. The presence of male teachers in Early Childhood Education still generates a sense of estrangement and scrutiny, marked by prejudices related to touch, affection, and the educator's social role. However, practice reveals that this presence also has transformative potential, contributing to the deconstruction of gender stereotypes and the promotion of a more pluralistic education. Building a solid teaching identity and creating support networks among male educators prove essential to confronting isolation and reaffirming their place in early childhood education. As a result of this exercise, it is possible to affirm that being a man in Early Childhood Education requires courage to face stigmas, resilience to overcome resistance, and an ethical commitment to a more egalitarian and inclusive education. More than a personal challenge, it is a collective struggle for professional recognition and appreciation, which must be met with institutional support and cultural transformation.

Keywords: Early Childhood Education. Supervised Internship. Pedagogical Training. Learning

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A FORMAÇÃO QUALIFICADA DO EDUCADOR PARA O EXERCÍCIO DA EDUCAÇÃO E O DESAFIO DA INTRODUÇÃO DO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
3 DESCONSTRUINDO ESTIGMAS SOBRE A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
3.1 Caminhos formativos perante as aprendizagens e tensões no Estágio em Docência de Educação Infantil	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICES.....	30

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco central a reflexão sobre a presença masculina na Educação Infantil e os desafios enfrentados por homens que escolhem essa etapa da educação básica como espaço de atuação profissional. A narrativa é construída a partir da minha própria trajetória acadêmica, por meio da metodologia autobiográfica, seu intuito é compreender os sentidos, obstáculos, desafios e aprendizagens que marcaram minha formação pessoal e estudantil nesse cenário onde é predominante o sexo feminino. Este formato de trabalho é um instrumento fundamental para a reflexão da trajetória acadêmica, pois permite ao futuro professor revisitar sua trajetória pessoal, e acadêmica, refletindo criticamente sobre os caminhos percorridos durante a formação. Mais do que um simples relato, trata-se de uma prática de autoconhecimento, que contribui para consolidar a identidade docente e reafirmar o compromisso ético e social da profissão.

Segundo Josso (2002, p. 34), o memorial de formação é “[...] uma escrita de si que tem como função essencial permitir que o sujeito reflita sobre as aprendizagens feitas ao longo da vida e sobre os sentidos que essas experiências assumem em sua formação”. Dessa forma, este trabalho representa uma oportunidade de revisitar meu percurso com um olhar reflexivo, buscando compreender como minhas experiências contribuíram para a construção da identidade docente, e como ser homem impacta diretamente nesse processo. A escrita autobiográfica, nesse sentido, constitui-se como um instrumento potente de autoformação.

Como afirma Nóvoa (1992, p. 25), “[...] a escrita de si, quando feita com honestidade e reflexão, permite que o sujeito compreenda as marcas do vivido, revele sentidos e reconfigure sua trajetória com base em novos entendimentos de si e do mundo”. É nesse entrelaçamento entre memória e análise que se constrói o presente memorial.

A escolha desta temática se afirma a partir da vivência concreta de ser homem atuando na Educação Infantil, realidade ainda pouco comum e cercada de estigmas, preconceitos e desconfianças. Como também advém das experiências adquiridas nos três estágios supervisionados do Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), os quais são obrigatórios para obter a formação necessária para a atuação como educador. Ao articular teoria e prática, os estágios supervisionados nos mostram uma realidade que será vivida, neste sentido, o contato direto com a escola, profissionais da educação, pais e principalmente os alunos, me permitiu ver e observar situações que me fizeram escolher esse tema para um estudo mais aprofundado. Em meio a este cenário, a narrativa autobiográfica se apresenta como ferramenta teórico-

metodológica capaz de dar voz à minha própria experiência, permitindo analisar como gênero, identidade profissional e formação docente se entrelaçam no processo de construção de um educador.

Diante do exposto, a pergunta que conduziu este estudo é: Como os estereótipos de gênero e as estruturas institucionais impactam a inserção e permanência de homens na Educação Infantil? A partir dessa indagação, estabeleci como objetivo geral: analisar os principais desafios enfrentados na construção da identidade docente de alunos do sexo masculino, refletindo sobre minha trajetória de formação e experiências como homem na Educação Infantil. Entre os objetivos específicos, destacam-se: identificar os estigmas e barreiras culturais presentes na formação e no exercício da docência infantil por homens; analisar como algumas dificuldades no contexto da Educação Infantil impactam a construção da identidade profissional masculina; e destacar aprendizagens e tensões experienciadas no Estágio em Docência de Educação, bem como a superação para a formação como educador para atuação nesta etapa fundamental.

Para atender aos objetivos aqui apresentados a metodologia utilizada foi a narrativa autobiográfica, respaldada em autores como Nóvoa (1992), e Josso (2002) que reconhecem a importância da escrita de si como forma de conhecimento e de reconstrução crítica da própria trajetória. Por meio desse percurso teórico-metodológico, é possível compreender como minha história pessoal se insere em um debate mais amplo sobre gênero, formação e prática docente. Nóvoa afirma (1992, p. 25), “[...] não há formação sem uma implicação existencial do sujeito, sem um trabalho sobre a sua própria identidade”. Nesse mesmo sentido, Josso (2002, p. 33) aponta que: “A história de vida não é apenas uma narração de eventos, mas uma tentativa de compreensão de si e do mundo, um ato de construção de sentidos”. Tal afirmativa nos convida a olhar para além da simples cronologia de fatos que compõem nossas trajetórias. Ela propõe, que contar uma história de vida não é apenas lembrar o que aconteceu, mas sim interpretar esses acontecimentos à luz do que nos tornamos e, sobretudo, do que buscamos compreender sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca.

Este trabalho está estruturado em três partes: Na primeira, reconstruo minha trajetória de vida e de formação até minha inserção no curso de Pedagogia; na segunda, realizo uma análise crítica dos desafios enfrentados e das aprendizagens construídas ao longo desse caminho, trazendo especialmente a parte prática vivenciada nos estágios; por fim, na terceira parte, apresento as considerações finais, destacando os sentidos que emergiram dessa reflexão e os caminhos possíveis para o fortalecimento da presença masculina na Educação Infantil.

2 A FORMAÇÃO QUALIFICADA DO EDUCADOR PARA O EXERCÍCIO DA EDUCAÇÃO E O DESAFIO DA INTRODUÇÃO DO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A formação dos alunos que aspiram à docência é um processo fundamental para garantir uma educação de qualidade e comprometida com a transformação social. Ser educador exige muito mais do que domínio de conteúdos: requer sensibilidade, ética, preparo teórico, consciência crítica e capacidade de refletir sobre a própria prática. Por isso, durante o Curso de Pedagogia, é essencial que o estudante tenha acesso a uma formação sólida, que o faça compreender o papel social do educador, os desafios da escola pública, as diversidades presentes em sala de aula e as diferentes realidades dos alunos. A formação inicial precisa, portanto, preparar o futuro professor para lidar com contextos complexos, tomando decisões pedagógicas conscientes e comprometidas com o desenvolvimento integral dos educandos.

Nesse sentido, investir na formação dos estudantes de Pedagogia é investir no futuro da educação e no fortalecimento da profissão docente. A educação, nesse processo, assume um papel central na formação de sujeitos críticos, conscientes e preparados para intervir na sociedade de forma ética e transformadora. É por meio dela que se abrem caminhos para o desenvolvimento humano, para a construção de valores e para o exercício pleno da cidadania. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 25), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Essa citação reforça a ideia de que, ao formar professores comprometidos com a realidade de seus alunos e com a promoção de uma educação democrática, estamos preparando agentes de mudança, capazes de atuar com responsabilidade social e sensibilidade diante das desigualdades que marcam o sistema educacional. Assim, valorizar e fortalecer a formação inicial é também reafirmar a esperança de uma sociedade mais justa e inclusiva, mediada por uma educação verdadeiramente emancipadora.

A educação é, portanto, muito mais do que a transmissão de conteúdos: ela é um processo intencional, histórico e social que visa à formação integral do ser humano. Nesse sentido, a formação de professores deve estar voltada não apenas à aquisição de técnicas e saberes pedagógicos, mas, sobretudo, à compreensão crítica da realidade na qual o educador está inserido. A formação inicial, nesse contexto, precisa ir além do ensino tecnicista. Ela deve possibilitar ao futuro docente uma compreensão ampla da prática educativa, fundamentada na reflexão crítica e na articulação entre teoria e prática. Para Libâneo (1994), a Formação do Professor deve preparar para a prática reflexiva, crítica e transformadora, e não

apenas para a aplicação mecânica de conteúdos”. Essa visão reforça a necessidade de currículos formativos que dialoguem com a realidade escolar, valorizem a experiência, promovam o pensamento autônomo e incentivem a pesquisa como parte integrante da prática docente. Entendemos que a Educação Infantil é a base fundamental do desenvolvimento humano, é o início de tudo, pois é nesse período que as estruturas cognitivas, emocionais e sociais acompanharão o indivíduo por toda a vida. Nesse sentido podemos ver o quanto importante é a formação do professor, pois é ele quem media os primeiros passos com relação a educação das crianças, promovendo experiências educativas, como também um ambiente seguro, acolhedor e estimulante.

Podemos compreender que, um professor bem formado é capaz de compreender os valores que são importantes para o desenvolvimento da criança, o valor das brincadeiras, das interações e das múltiplas linguagens como instrumento de aprendizado. Além disso, possuir o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil permite que ele possa respeitar o ritmo de cada criança e propor práticas pedagógicas significativas. A formação é essencial para o educador, pois garante que o professor se atualize diante dos novos estudos e desafios que ao longo dos dias a sociedade vem apresentando. Dessa forma ele pode atuar de maneira crítica e reflexiva, comprometido não apenas com o passar do conteúdo, mas também com a formação integral das crianças, sempre respeitando sua individualidade, como também estimulando a sua autonomia.

Portanto, investir na formação do professor da Educação Infantil é investir na qualidade da educação, e consequentemente em um futuro melhor para a sociedade, um professor preparado sabe que faz toda a diferença na vida das crianças, ajudando a construir e instruir pessoas mais conscientes, sensíveis e preparados para conviver em um mundo plural.

Ao longo do meu percurso como estudante de Pedagogia, venho compreendendo, cada vez mais, a profundidade e a responsabilidade do trabalho na Educação Infantil. Sendo homem nesse espaço predominantemente feminino, percebo que carrego não apenas o papel de educador em formação, mas também o desafio de romper estereótipos, mostrando que o cuidado e a educação das crianças pequenas não têm gênero.

Minha escolha pela Pedagogia nasceu do desejo sincero de contribuir para a construção de uma infância mais feliz e significativa. Paulo Freire (1996, p. 29) já dizia que: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". E é isso que busco: ser um professor capaz de criar contextos nos quais cada criança possa desenvolver-se integralmente, respeitando suas singularidades e necessidades. A Formação Acadêmica tem sido essencial para ampliar meu olhar. Estudar sobre o

desenvolvimento infantil, sobre as múltiplas linguagens e sobre o brincar como destaca Kishimoto (2011, p. 30), ao afirmar que "O brincar é uma atividade essencial à infância e deve ser garantido". Tal ideia fortalece minha compreensão de que educar crianças pequenas vai muito além de alfabetizar; é ajudá-las a construir sua identidade, autonomia e valores.

Ser homem na Educação Infantil também me coloca em um lugar de reflexão constante sobre o cuidado. Tendo contato com autores como Walter Kohan (2000), que defende uma educação que valorize o diálogo e o acolhimento, percebo o quanto é necessário quebrar paradigmas que limitam a sensibilidade masculina. Minha formação vai além das teorias: Ela tem me transformado como pessoa, permitindo-me exercitar a empatia e a escuta atenta. Compreendo que investir na minha formação não é só uma exigência profissional, mas um compromisso ético com cada criança que um dia cruzará meu caminho. Como nos lembra Loris Malaguzzi (1998, p. 15), fundador da abordagem de Reggio Emilia: "A criança possui cem linguagens". Cabe a mim, como futuro professor, aprender a ouvir, valorizar e potencializar cada uma delas. Por isso, sigo firme na minha caminhada, certo de que a formação docente é o alicerce para uma prática que respeite e encante a infância. E que minha presença como homem nesse espaço também possa inspirar outras histórias, mostrando que educar é, antes de tudo, um ato de humanidade.

Diante dos desafios enfrentados pela Educação Infantil, torna-se indispensável investir na formação qualificada de educadores comprometidos com a infância e com a transformação social. No caso dos homens que escolhem atuar nesse campo, a formação ganha contornos ainda mais profundos, pois exige, além do domínio teórico e metodológico, a superação de estigmas históricos relacionados ao gênero e ao cuidado. Como destaca Freire (1996, p. 43): "Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro". Assim, é pela via da formação crítica e reflexiva que o homem educador pode afirmar-se eticamente nesse espaço, desconstruindo preconceitos e contribuindo para uma prática pedagógica mais sensível, dialógica e inclusiva. O desafio não está apenas em ocupar o lugar, mas em resignificá-lo com base no compromisso com a infância e na construção coletiva de uma educação mais justa e representativa.

3 DESCONSTRUINDO ESTIGMAS SOBRE A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Minha trajetória escolar é marcada por mudanças, desafios e descobertas que ajudaram a moldar a pessoa e o profissional que estou me tornando. Nasci em São Paulo, uma das maiores metrópoles do país, e foi lá que tive meu primeiro contato com a escola. Frequentei a creche e permaneci nos primeiros anos da Educação Infantil até os sete anos de idade. Mesmo sendo muito jovem, carrego algumas lembranças marcantes daquele período: o ambiente da escola, os primeiros aprendizados e a convivência com colegas e professores. Esses momentos iniciais me ensinaram que a escola é um espaço de relações, de troca, de construção coletiva, e não apenas de conteúdos formais.

Aos sete anos, minha vida mudou radicalmente. Minha família se mudou para o Nordeste, mais especificamente para a cidade de Imperatriz, no Maranhão. A mudança geográfica foi também uma mudança de realidade. Passei a estudar em escolas públicas, realidade que se manteve durante toda a minha formação básica. Foi nas salas de aula da rede pública de Imperatriz que cresci como estudante e cidadão, enfrentando os desafios comuns à maioria dos jovens brasileiros: salas lotadas, estrutura precária, falta de materiais didáticos, ausência de projetos pedagógicos consistentes e, muitas vezes, a sensação de que a educação pública não era uma prioridade. No entanto, foi justamente nesse cenário de limitações e dificuldades que comecei a desenvolver um olhar mais crítico e engajado. Durante o Ensino Médio, no Colégio Estadual Graça Aranha, pude perceber com mais clareza as desigualdades presentes no sistema educacional. Era evidente o abandono do poder público e a resistência silenciosa de estudantes e professores que, apesar da estrutura precária, seguiam lutando por uma educação digna. Essa realidade, que para muitos poderia ser desmotivadora, me impulsionou a refletir: “Como posso contribuir para transformar essa situação?”. Foi nesse momento que a semente da Pedagogia começou a germinar dentro de mim.

No decorrer da minha trajetória estudantil no curso de Pedagogia, fui me deparando com desafios que, para além das exigências pedagógicas e afetivas do cotidiano escolar, revelaram aspectos sociais como também culturais que envolvem diretamente a questão de gênero. Ser homem nesse espaço ainda é, infelizmente, algo visto como exceção. Desde o momento em que manifestei interesse pela área, percebi olhares desconfiados, perguntas carregadas de julgamento e até piadas que tentavam deslegitimar minha escolha, como se o cuidado com crianças fosse uma responsabilidade natural e exclusiva das mulheres. A Educação Infantil, historicamente, é marcada por uma presença majoritariamente feminina, resultado de uma construção cultural que associa o cuidado, a afetividade e a educação das crianças pequenas às mulheres. Essa divisão tradicional de papéis de gênero contribuiu para naturalizar a ideia de que ensinar e cuidar de crianças é uma "vocação feminina". Como

aponta Louro (1997, p. 20): “As profissões ligadas ao cuidado, à educação e à assistência são, na maioria das vezes, identificadas como ‘trabalho de mulher’, reforçando uma lógica sexista que organiza o mundo do trabalho e da formação”. Essa realidade cria barreiras simbólicas e institucionais para a presença masculina nesse espaço, tornando necessária uma reflexão crítica sobre a construção social dos papéis de gênero e sua influência na educação.

Nos estágios e nas práticas, essas tensões ficaram ainda mais evidentes. Em diversas situações, percebi que algumas pessoas – professoras responsáveis pelas turmas de estágio por onde passei – ficavam surpresas ou até desconfortáveis ao me ver interagindo com os pequenos. Certas tarefas cotidianas, como ajudar uma criança a ir ao banheiro, por exemplo, tornavam-se motivo de preocupação para elas, que por vezes preferiam que estas atividades fossem realizadas apenas pelas companheiras de estágio do sexo feminino. Ao invés de confiança, muitas vezes o que recebia era vigilância. Isso me fez entender que, além de desempenhar meu papel como educador, eu precisaria constantemente provar minha seriedade, minha ética, caráter e minha sensibilidade profissional.

O estágio é um espaço privilegiado de aprendizagem, onde teoria e prática se encontram para possibilitar a construção do saber profissional. Como afirma Tardif (2002, p. 53): “O estágio é o momento de articulação entre o conhecimento adquirido na formação e sua aplicação no cotidiano da prática educativa, configurando-se como elemento fundamental na formação do futuro educador.” Esse entendimento reforça a importância do estágio na Educação Infantil como um campo vivo de experimentação e reflexão sobre o fazer pedagógico, especialmente para quem, como eu, enfrenta desafios relacionados à inserção masculina em um ambiente predominantemente feminino. Durante o estágio, pude vivenciar situações concretas que possibilitaram ir além do que os livros apresentam, dialogando com crianças, colegas e educadoras, e confrontando os preconceitos sociais que permeiam a presença masculina nesse contexto. Assim, o estágio não foi apenas um requisito curricular, mas um espaço de construção formativa que ampliou minha sensibilidade, minha prática e meu compromisso ético com a infância.

Todavia, o que mais me marcou foi perceber como essa desconfiança social não é apenas um reflexo de medo ou proteção, mas de uma lógica machista que limita tanto homens quanto mulheres. Enquanto as mulheres são historicamente vistas como as únicas aptas ao cuidado, os homens que se aproximam desse papel são, muitas vezes, questionados em sua masculinidade. Isso ficou claro nas conversas com colegas de curso e até com pessoas próximas, que se surpreendiam com minha escolha e perguntavam se eu não preferia “ensinar crianças maiores” ou “seguir outra carreira”.

Apesar disso, a sala de aula sempre foi o espaço onde tudo fazia sentido. Quando estou com as crianças, sinto que estou exatamente onde deveria estar, pois sei que posso auxiliar diretamente no conhecimento e desenvolvimento delas, fato que foi um dos motivos diretos que me fez escolher o curso de Pedagogia, não porque não tinha outras opções, ou porque foi o que a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) possibilitou, mas sim pelo amor em ensinar. As relações que construí com elas são baseadas no respeito, no afeto e na escuta. E é nesse vínculo que encontro forças para continuar. Aos poucos, fui ganhando a confiança das famílias, da equipe pedagógica e, principalmente, das próprias crianças, que não se importam com o gênero do educador, elas querem ser vistas, cuidadas e compreendidas.

Com relação ao ganho de confiança, me traz à memória um momento do último estágio realizado, que foi o dos anos iniciais, esse realizado em uma escola pública da cidade de Imperatriz-MA, fui direcionado a uma turma de maternal, onde pude mostrar de fato o conhecimento, como também o amor por cada criança, devido algumas demandas fui transferido de turma, para uma turma de alunos maiores, e foi um motivo de alegria para uma família de um aluno autista que tinha na turma, de fato, pais, e avós que acompanhavam a criança e a escola de certa forma, observaram meu desempenho na turma anterior e quando fui para a turma de seu filho foi uma alegria, a partir dali pude entender que com esforço poderia de fato vencer os preconceitos e desconfianças.

Com o tempo, compreendi que minha presença também tem um papel simbólico importante. Ser um homem educador na primeira infância é de certa forma, um ato político. É um posicionamento que rompe estereótipos, que desafia o preconceito e que amplia as possibilidades de cuidado e educação. Ao me afirmar como futuro professor da Educação Infantil, não estou apenas realizando um sonho pessoal, estou também ocupando um lugar que precisa ser reconhecido e valorizado na nossa sociedade.

A presença masculina na Educação Infantil é ainda um campo marcado por preconceitos e desafios. Como apontam Guimarães e Rezende (2011, p. 102):

A inserção do homem na Educação Infantil enfrenta resistências sociais que questionam sua legitimidade nesse espaço tradicionalmente feminino, colocando em xeque a ideia de que o cuidado é uma ‘habilidade natural’ das mulheres.

Essa realidade evidencia o quão significativo é o percurso daqueles homens que escolhem atuar na primeira infância, pois não se trata apenas de uma escolha profissional, mas de uma decisão política e ética que desafia normas de gênero arraigadas. Para mim, essa presença masculina na Educação Infantil se traduz em um compromisso constante de

desconstrução de estereótipos, construindo um ambiente mais plural e inclusivo, onde o cuidado e a educação não se definem pelo gênero, mas pelo respeito e pela qualidade da relação pedagógica estabelecida com as crianças. Sim, ser homem na Educação Infantil é desafiador. Mas é também transformador.

Cada dia na escola, cada aprendizado com as crianças, cada olhar de confiança de uma família reafirmou minha escolha. E é com firmeza, afeto e consciência que sigo nesse caminho, como também nesse sonho acreditando que cuidar, ensinar e amar são gestos humanos, não de um gênero, mas de um compromisso com o outro e com o futuro. Como Paulo Freire (1996, p. 88) nos lembra, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” Essa ideia reforça que minha trajetória não é solitária; ela se constrói em diálogo, em relação, na escuta e na troca com as crianças, as famílias e os colegas educadores. A transformação que busco, portanto, é coletiva e nasce do compromisso ético com a educação como prática de liberdade e humanização.

Nesse processo de formação, os estágios supervisionados realizados nas escolas tiveram um papel essencial. Estar no chão da escola, viver o cotidiano da Educação Infantil para além da teoria, me permitiu perceber, com mais profundidade, o que significa ser educador. Os livros e os estudos nos ajudam a compreender os fundamentos pedagógicos, mas foi no contato direto com as crianças, com os futuros colegas de trabalho, com os desafios reais da sala de aula, que a formação se concretiza. Como afirma Nóvoa (1992): “Não há formação, há sim experiências de formação” e foi exatamente isso que vivi em cada estágio que realizei.

Tive três momentos de estágios, o foco principal no trabalho é o Estágio da Educação Infantil, todavia fiz: Estágio em Gestão e Organização de Sistemas e Unidades Escolares, bem como Estágio em Docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e todos eles me ensinaram algo novo. Observei diferentes formas de organização, de planejamento, de diálogo com as famílias e de relação com os alunos. Pude perceber como a teoria se traduz ou não na prática, e como é necessário adaptar constantemente nossas estratégias às realidades vividas. Aprendi a ouvir mais, a observar com atenção e, principalmente, a respeitar os tempos e as necessidades de cada criança. Descobri que o planejamento pedagógico vai muito além de atividades prontas, ele exige sensibilidade, escuta ativa e intencionalidade. Como ressalta Nóvoa (1992, p. 47): “A formação do professor é um processo permanente e complexo, que implica a articulação entre o conhecimento teórico e a prática reflexiva, onde o planejamento pedagógico se configura como espaço de mediação entre esses saberes.” Essa perspectiva reforça que meu aprendizado prático durante os estágios é fundamental para construir uma

atuação docente crítica, sensível e efetiva.

Os estágios também foram momentos em que minha identidade docente foi sendo construída e afirmada. Entender que os saberes docentes não são apenas teóricos, mas também fruto das experiências vividas, das interações com outros profissionais e do cotidiano escolar. Em cada momento vivido durante esses períodos de prática, fui formando meus próprios saberes: sobre o ensino, sobre o cuidar, sobre o trabalho em equipe e, principalmente, sobre minha pessoa, enquanto educador homem nesse espaço ainda pouco ocupado por nós, e de fato foi muito importante, essa convivência principalmente conquistar o respeito e admiração das famílias, foi essencial.

Enfrentei inseguranças, sim. Em alguns momentos, me questioneei se estava pronto, se seria aceito, se conseguiria dar conta. Mas ao mesmo tempo, fui ganhando confiança. E isso se deve muito aos estágios que a universidade propôs a fazer, pois foi por meio deles que deixei de ser apenas estudante e comecei a me ver como professor em formação. Paulo Freire (1996, p. 31) nos lembra que: “[...] ensinar exige coragem”, e essa coragem, no meu caso, foi sendo construída na prática, nos erros e acertos do cotidiano escolar.

Além das habilidades pedagógicas, o Estágio em Docência de Educação Infantil me ensinou a lidar com a complexidade das relações humanas dentro da escola. A convivência com outros profissionais me mostrou o quanto o trabalho docente é coletivo, colaborativo e cheio de trocas. Pude observar e aprender com professoras experientes, ouvir suas histórias, ver como elas planejavam e conduziam as atividades, como lidavam com as situações distintas.

Recordo-me que no Estágio em Docência na Educação Infantil, na turma em que me encontrava, um aluno que era muito impaciente, com dificuldade de concentração, e ver a professora ter toda a atenção com ele, ensinar o passo a passo, lidando com a impaciência, essa perseverança me chamou muita atenção, de fato isso não aconteceu somente em uma aula, mas em diversas delas. Acompanhar isso, foi fundamental para meu crescimento. Isto ocorreu no período de observação, um dos momentos preciosos que o estágio proporciona, pois é uma análise que nós mesmos fizemos, e que ajuda na nossa construção como futuro educador.

Ensinar é também estar aberto ao diálogo e à aprendizagem constante. A vivência prática também me ajudou a consolidar o que acredito sobre a Educação Infantil: um espaço de acolhimento escuta e respeito à infância. Vi de perto o impacto de uma prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral das crianças. E percebi, com ainda mais certeza, que esse é o lugar onde quero estar. Os estágios não foram apenas uma etapa

obrigatória da formação, foram de certa forma, momentos decisivos, reveladores, transformadores. Como futuro professor, saio desses estágios com uma bagagem rica e com a convicção de que a formação docente não termina com o diploma. Ela é contínua, como afirma Freire (1996, p. 23), pois “[...] ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. Nós nos tornamos professores”. E é nesse processo constante de tornar-se, de refletir sobre a prática, de aprender com os outros e consigo mesmo, que sigo construindo minha caminhada.

Dessa forma, os diferentes momentos de estágio vivenciados ao longo da formação revelaram-se fundamentais para ampliar meu olhar sobre a prática docente. Cada experiência, seja na Gestão Escolar, no Ensino Fundamental ou na Educação Infantil, contribuiu para consolidar minha identidade profissional, tornando evidente que o fazer pedagógico exige escuta, sensibilidade, adaptação e intencionalidade. O estágio, portanto, foi mais do que um campo de aplicação de conhecimentos: foi espaço de reflexão, de desafios e de construção de sentido sobre o ser professor.

Na seção seguinte, abordarei com mais profundidade os caminhos formativos trilhados durante o Estágio em Docência de Educação Infantil, destacando as aprendizagens construídas e as tensões vividas nesse espaço. Será um momento de reflexão sobre os encontros com a realidade escolar, os dilemas enfrentados, as relações com as crianças e professoras, e os desafios de afirmar-se como homem educador nesse campo ainda marcado por estigmas de gênero.

3.1 Caminhos formativos perante as aprendizagens e tensões no Estágio em Docência de Educação Infantil

Minha trajetória no Estágio em Docência de Educação Infantil foi marcada por experiências ricas, desafiadoras e, sobretudo, formadoras. Cada vivência me trouxe não apenas aprendizados pedagógicos, mas também me confrontou com os estigmas e tensões que ainda cercam a presença masculina nesse campo historicamente associado ao feminino como foi relatado em tópicos anteriores. O objetivo aqui é refletir sobre os caminhos formativos que trilhei, às aprendizagens que construí e as tensões que enfrentei dentro desse ambiente tão rico e, ao mesmo tempo, tão desafiador. Quero mostrar como essa vivência impactou minha maneira de pensar a educação, como me fez crescer enquanto profissional e como homem em um espaço ainda marcado por julgamentos e estigmas. Mais do que relatar o que aconteceu, desejo aqui compreender e dar sentido ao que vivi, pois foi nesse processo que comecei, de fato, a me reconhecer como professor.

Como afirma Nóvoa (1992, p. 25), “[...] não se nasce professor ou professora, torna-se professor ou professora numa aprendizagem permanente que se faz ao longo de um percurso de vida”. Essa afirmação reforça aquilo que venho vivenciando durante minha formação: a identidade docente não é algo pronto, que recebemos com o diploma ou ao entrar na sala de aula. Pelo contrário, ela é construída aos poucos, em meio aos desafios, dúvidas, descobertas e encontros que acontecem tanto nos espaços de formação quanto nos cotidianos escolares.

Ao longo do estágio, especialmente na Educação Infantil, percebi que ser professor vai além de aplicar conteúdos ou seguir um planejamento. Ser professor é também construir uma postura, um olhar, uma escuta. É entender o próprio papel na vida das crianças e, ao mesmo tempo, deixar-se transformar por elas. Nesse processo, fui encontrando um lugar que é meu e que, mesmo sendo ainda pouco ocupado por homens, me desafia e me fortalece a cada dia. A citação de Nóvoa, portanto, reafirma que a minha identidade docente está em construção, e que cada experiência, especialmente as mais desafiadoras, contribui para solidificá-la de forma ética, sensível e comprometida com a infância.

Durante meu estágio, fui acolhido inicialmente em uma turma do primeiro ano. Essa foi uma rica experiência na Educação Infantil, com momentos de cuidado, brincadeiras dirigidas e atividades lúdicas. Nesse contexto, desenvolvemos práticas educativas como aulas ao ar livre, rodas de conversa e jogos colaborativos, sempre buscando integrar a dimensão do brincar ao processo de aprendizagem. Dessa forma, como estudado durante a graduação, foi possível constatar que o brincar e a ludicidade devem fazer parte do cotidiano escolar. As brincadeiras são capazes de desenvolver inúmeras habilidades. Um exemplo desse aprendizado pode ser visto no Apêndice 2, em que registrei uma atividade de coordenação motora. As crianças participaram com entusiasmo, demonstrando que o lúdico favorece tanto o desenvolvimento físico quanto a construção de vínculos de aprendizagem. Nesta atividade em específico, fizemos uma competição entre eles, com o intuito de pegar a tampinha com o pé e colocar no copo, com o objetivo de ajudar na coordenação motora dos alunos, pois ao utilizar os pés para pegar objetos pequenos, a criança exercita tanto os músculos maiores das pernas quanto a coordenação motora fina dos dedos dos pés.

As crianças por natureza são participativas e cada brincadeira pode ser desenvolvida de modo a possibilitar a participação e desenvolvimento de todas. Em cada aula é possível perceber que para elas não há julgamento de sexo no que se refere ao professor ou professora.

A natureza infantil permite as vivências sem o julgamento. O que facilita o desenvolvimento de todas as atividades propostas e reafirma que os vínculos infantis com a

aprendizagem são fundamentais para o desenvolvimento integral. Foi importante ver a desenvoltura deles nessa atividade, a alegria era contagiante e com certeza trouxe muitos aprendizados.

O educador dentro da sala de aula deve estar atento às necessidades das crianças, sempre tendo em mente que cada criança possui suas peculiaridades, dificuldades e ritmos diferentes de aprendizagem. Observando a turma, percebi que uma criança em especial tinha muitas dificuldades de concentração, demonstrando inquietação. Em todas as atividades seja individual ou coletiva, a criança não tinha vontade de participar, ou começava a chorar para não participar. Percebendo essa situação comecei a investigar mais de perto e vi que essa criança precisava de mais atenção, e de certa forma um direcionamento para que fosse acolhida durante as atividades, especialmente nas atividades lúdicas. Tal fator demonstra um cuidado especial e empatia, o que é fundamental neste processo.

Logo após essas ações, a criança começou a participar ativamente das atividades propostas com os colegas. O que foi possível identificar é que existia receio de errar e ser julgada pelos colegas. Realizamos uma atividade com a qual a mesma participou e no fim seus colegas o aplaudiram, e foi suficiente para quebrar esse entrave que outrora existia.

Este registro consta no Apêndice 3, onde trago imagens da demonstração da atividade, onde as crianças tinham que pegar as vogais na sopa de letrinhas, e colocar no copinho que representava cada letra. O objetivo era reconhecimento das vogais: A criança precisa identificar visualmente as letras A, E, I, O, U, fortalecendo o processo de letramento e discriminação visual ao diferenciar uma vogal da outra em meio a várias letras, ela desenvolve a atenção e a percepção visual, classificação e associação ao separar as letras e colocá-las no copinho certo, a criança exercita a lógica de agrupamento por características. As crianças estavam sempre a vontade e se sentiam autônomas durante as atividades, o que me deu mais segurança.

Em contraste a isto, quando paro para lembrar da forma como fui recebido pela docente titular da turma, desde o início percebi certo receio. Embora fosse cordial e profissional, havia uma cautela evidente em me deixar sozinho com as crianças, mesmo em atividades simples. Essa desconfiança, mesmo que não verbalizada, reflete o que Nóvoa (1992) aponta como uma das dimensões mais profundas da construção da identidade docente: o peso das representações sociais sobre quem pode, ou deve, ocupar certos espaços educativos.

No caso da Educação Infantil, essa representação ainda está fortemente associada ao feminino, o que torna a presença masculina alvo de dúvidas e desconfianças. Com o tempo,

após observar minha postura, envolvimento e responsabilidade, a professora foi ganhando confiança, o que me permitiu conduzir algumas atividades de forma mais autônoma. Foi um processo lento, mas importante, pois revelou como o reconhecimento profissional do homem na Educação Infantil ainda precisa ser conquistado, muitas vezes, por meio da superação diária de preconceitos sutis.

Logo depois, ainda na mesma escola, tive contato com uma turma de crianças um pouco mais velhas, conduzida por uma professora que, desde o início, demonstrou abertura e confiança, por coincidência a mesma havia se formado na UFMA, por saber como é o formato de estágio da instituição, ela me deu liberdade para propor atividades, interagir livremente com as crianças e fazer parte da rotina com naturalidade. Essa experiência mais acolhedora me mostrou o quanto a percepção individual dos profissionais que já atuam na área influencia diretamente a forma como somos recebidos e legitimados enquanto educadores.

Foi nesse ambiente mais colaborativo que compreendi, com mais clareza, o quanto a postura dos profissionais da escola influencia diretamente a forma como somos legitimados. A abertura dessa professora não apenas me permitiu vivenciar o estágio com mais profundidade, como também me ensinou, na prática, o valor do respeito mútuo, da escuta entre colegas e da construção conjunta do fazer pedagógico. Com ela e com aquela turma, aprendi que o aprendizado acontece em múltiplas direções: eu ensinava, mas também aprendia constantemente com as crianças, com as situações cotidianas e com a forma como a professora geria o grupo com firmeza e afetividade. Essa experiência reafirma que a formação docente não acontece de forma solitária, mas se dá na interação com o outro, na convivência com quem já trilha o caminho e tem a generosidade de partilhar saberes.

Sobretudo, o reconhecimento dessa professora foi um dos momentos mais significativos do meu estágio, pois me fez acreditar, ainda mais, que estou no caminho certo e que é possível construir uma prática pedagógica que acolhe, ensina e inspira.

De acordo com Josso (2002), o percurso formativo é atravessado por experiências que nos ajudam a construir sentido sobre quem somos como sujeitos-professores. Para a autora, a formação é indissociável da biografia, e as experiências de estranhamento, como as que vivenciei nos estágios, têm papel decisivo na constituição da identidade docente. Nesse sentido, não se trata apenas de aprender a ensinar, mas de aprender a ser professor e, no meu caso, um professor homem em um território ainda marcadamente feminino.

A tensão entre o cuidado e o gênero também se fez presente em pequenos gestos do cotidiano. Em alguns momentos, hesitei em acolher uma criança no colo ou ajudar em tarefas de higiene, por receio de interpretações equivocadas. Essa autovigilância constante é uma

expressão das estruturas opressoras presentes na sociedade, conforme explica Freire (1996, p. 38), apontando que “[...] ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. A docência, para ele, é um ato político e ético que exige do educador coragem para romper com preconceitos e injustiças. Ao longo dessas vivências, fui desenvolvendo estratégias de resistência e afirmação.

Busquei embasamento teórico, participei de discussões acadêmicas e me conectei com outros homens que, assim como eu, decidiram trilhar esse caminho. Em muitos momentos, como aponta Arroyo (2000), me vi em confronto com a lógica excludente das instituições escolares, que ainda não foram preparadas para acolher, de forma plena e igualitária, a diversidade de sujeitos docentes.

Concluir este estágio em específico foi mais do que um requisito curricular. Foi um percurso de afirmação identitária, em que precisei, ao mesmo tempo, aprender a ser professor e desconstruir estigmas associados ao meu gênero. As crianças, com sua espontaneidade e afeto, foram essenciais nesse processo: nunca demonstraram qualquer estranhamento com a minha presença, apenas queriam ser vistas, cuidadas e acolhidas. Como diz Freire (1996, p. 72), “[...] ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão”. Assim, concluir esse estágio na Educação Infantil foi mais do que cumprir uma etapa do curso e atravessar vivências que me transformaram profundamente. Os momentos de insegurança e resistência que enfrentei, assim como as experiências de acolhimento e valorização, foram igualmente importantes para minha formação.

Com cada desafio, fui aprendendo a afirmar meu lugar como educador homem, construindo minha identidade profissional com mais consciência, empatia e responsabilidade.

A convivência com as crianças, com as professoras e com o cotidiano da escola me ensinou que educar exige mais do que domínio de conteúdo: exige sensibilidade, presença e disposição para aprender com o outro. Encerrando essa etapa, levo comigo a certeza de que ser professor é um compromisso que se renova a cada dia e que começa, sobretudo, na escuta, no respeito e na coragem de ocupar espaços ainda pouco habituados a nos ver como cuidadores e educadores.

Toda a experiência relatada e vivenciada foi extramente enriquecedora, os registros diários foram importantes, criei muitas memórias marcantes e julgo importante as anotações, fotos e documentos desse processo, pois eles contam parte da minha história como acadêmico de Pedagogia.

Sendo assim, nos Apêndices, apresento registros fotográficos de atividades realizadas com os alunos durante as aulas ministradas. As imagens foram produzidas por mim,

preservando eticamente as identidades, e ilustram momentos significativos do estágio, alinhados aos objetivos dos planos de aula e às necessidades das turmas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta caminhada formativa, percebo que ser homem na Educação Infantil vai muito além de ocupar um espaço profissional é também um exercício constante de reflexão, desconstrução e aprendizado. As experiências vividas nas salas de aula, os olhares desconfiados no início, os desafios enfrentados no convívio com as famílias e colegas, e principalmente as relações construídas com as crianças, foram fundamentais para moldar minha identidade docente.

Neste sentido, estando envolto neste universo, evidenciei por meio da escrita deste memorial de formação alguns pontos que foram experiências e desafios como Pedagogo em formação, em particular, vislumbrando a atuação na etapa da Educação Infantil. Para tanto tive como objetivo geral a ser alcançado, analisar os principais desafios enfrentados na construção da identidade docente de alunos do sexo masculino, refletindo sobre minha trajetória de formação e experiências como homem na Educação Infantil.

Entendo que ser educador infantil é estar disposto a cuidar, acolher e ensinar com sensibilidade, algo que muitas vezes a sociedade não associa ao masculino. Contudo, é justamente nesse espaço que encontrei minha vocação. Aprendi que o afeto, o brincar e o educar não têm gênero, e que a presença masculina na educação infantil pode — e deve — ser valorizada como uma contribuição única para o desenvolvimento integral das crianças.

O terceiro objetivo teve como foco destacar as aprendizagens e tensões experienciadas no Estágio em Docência da Educação Infantil, bem como as superações necessárias para minha formação como educador atuante nessa etapa fundamental. Posso afirmar que esta trajetória não foi solitária. Durante o estágio, enfrentei inseguranças, medos e até questionamentos internos sobre minha capacidade e meu lugar nesse espaço majoritariamente feminino. No entanto, foi nesse mesmo ambiente que tive oportunidades concretas de me descobrir educador, de me reinventar e de fortalecer minhas práticas. Aprendi, por exemplo, a importância de observar atentamente cada criança, respeitando seus ritmos e formas singulares de se expressar. Compreendi que o planejamento pedagógico precisa ser flexível e sensível às necessidades do grupo, e que a escuta ativa é uma ferramenta poderosa para estabelecer vínculos e promover aprendizagens significativas.

Desenvolvi a confiança para propor atividades, organizar rodas de conversa, explorar brincadeiras ao ar livre e até mediar conflitos entre as crianças com equilíbrio e afeto. Além disso, vivenciei o valor da parceria com os demais profissionais da escola, percebendo que o trabalho na Educação Infantil é, essencialmente, coletivo e colaborativo. ‘

Essas experiências confirmam que o estágio foi um processo formativo fundamental para a construção da minha identidade docente. Não apenas me mostraram como atuar pedagogicamente com crianças pequenas, mas também me ensinaram a acreditar na potência da minha presença neste espaço e a reconhecer o papel transformador da educação desde os primeiros anos de vida. Cito ainda o apoio da minha família, especialmente nas palavras de incentivo e na compreensão diante dos momentos de cansaço emocional, foi essencial para que eu não desistisse. Cada gesto de acolhimento das crianças, cada reconhecimento por parte das colegas de profissão e cada pequena conquista diária serviram como combustível para continuar. Hoje, entendo que cada desafio superado me fez crescer, não apenas como professor, mas como ser humano comprometido com a transformação social por meio da educação.

Diante da análise realizada, torna-se evidente a necessidade de construção de práticas institucionais e políticas públicas que fortaleçam a presença do homem como profissional da Educação Infantil. Nas escolas, é fundamental investir em ações de sensibilização da comunidade escolar, promovendo debates e formações que desconstruam preconceitos e reconheçam a importância da diversidade de gênero no espaço educativo. Da mesma forma, torna-se essencial assegurar apoio e acolhimento aos professores homens, evitando o isolamento e garantindo sua participação plena em todas as dimensões do trabalho pedagógico. No âmbito das políticas públicas, recomenda-se a criação de campanhas de valorização da atuação masculina na Educação Infantil, bem como a implementação de programas de incentivo à formação e inserção desses profissionais na área. Além disso, é imprescindível a elaboração de protocolos institucionais que assegurem a equidade no exercício das funções, protegendo a atuação docente contra desconfiças e estigmas sociais. Também se destaca a relevância de investimentos em pesquisas e parcerias entre universidades, escolas e órgãos governamentais, a fim de ampliar a compreensão e a valorização do papel do homem nesse nível de ensino.

Assim, compreende-se que promover a presença masculina na Educação Infantil não se trata apenas de uma questão de inserção profissional, mas de um compromisso com uma educação mais plural, inclusiva e representativa, que beneficia não apenas os docentes, mas sobretudo as crianças e suas famílias.

Em suma, concluo a escrita deste memorial com a certeza de que minha trajetória, repleta de desafios, também foi marcada por significativas conquistas. Cada obstáculo superado fortaleceu meu compromisso com a educação e reafirmou minha escolha profissional. Sigo em frente como um educador que acredita na potência das infâncias, na força da formação contínua e na transformação que começa no cotidiano da sala de aula. Ser um homem na Educação Infantil, espaço ainda tão atravessado por estigmas de gênero, exigiu e ainda exige coragem, sensibilidade e resistência. Mas também me ensinou que a presença masculina pode ser sim, sinônimo de cuidado, afeto e escuta verdadeira. Nesse caminho, fui desconstruindo ideias impostas socialmente e construindo, com as crianças e com meus pares, um modo de educar que é ético, humano e comprometido com o desenvolvimento integral de cada sujeito.

Espero que minha vivência e essa narrativa possam de alguma forma, inspirar outros homens que desejam adentrar o universo da Educação Infantil. Que saibam que há espaço para todos que se dispõem a aprender com as crianças, a cuidar com respeito e a educar com amor. A minha história é apenas uma entre tantas possíveis e é na pluralidade dessas vozes que a educação se fortalece e se reinventa.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <https://www.editoravozes.com.br>. Acesso em: 3 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://www.pazeterra.com.br>. Acesso em: 5 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 128 p. Disponível em: <https://www.pazeterra.com.br>. Acesso em: 7 ago. 2025.

GUIMARÃES, Suely da Silva; REZENDE, Mônica Maria de. **Homens na Educação Infantil**: caminhos e desafios. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 2 ago. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 4 ago. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 6 ago. 2025.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <https://www.editoravozes.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: <https://www.editoravozes.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 1998. Disponível em: <https://www.editorapenso.com.br>. Acesso em: 14 ago. 2025.

NASCIMENTO, Adriano. Homens na educação infantil: desafios e possibilidades. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v. 29, n. 79, p. 321–345, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. Disponível em: <https://www.domquixote.pt>. Acesso em: 9 ago. 2025.

ROCHA, Eloísa de Mattos. Docência e masculinidade: os sentidos da presença masculina na educação infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 795-813, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <https://www.editoravozes.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2025.

APÊNDICES

Apêndice 1: Ficha de Avaliação

Ficha de avaliação fornecida pela instituição para qual foi realizado o Estágio em Docência na Educação Infantil. Esta ficha foi respondida pela docente da sala de aula na qual foi realizado o estágio, para que pudesse me avaliar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIm
CURSO DE PEDAGOGIA
COMPONENTE CURRICULAR: DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO
INFANTIL



FICHA DE AVALIAÇÃO

INSTITUIÇÃO CONCEDENTE: Universidade Federal do Maranhão/CCSST
SUPERVISOR DOCENTE: Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro e Maria Tereza Bom Fim
Pereira
COORDENADOR DE ESTÁGIO: Simone Regina Omizzolo
NOME DO ESTAGIÁRIO: Lucas Barbosa Damasceno
ETAPA: Observação e regência
PERÍODO:
PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS: Planejamento, execução e avaliação de proposições no contexto da formação de professores.

E – Excelente; MB – Muito Bom; B – Bom; INS – Insuficiente; INA – Inaceitável

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	CONCEITOS AVALIATIVOS
Capacidade de articulação entre os saberes teóricos e a prática de formação.	E
Capacidade de trabalho em equipe.	E
Disciplina (assiduidade, pontualidade, observação das normas e regulamentos internos, discrição).	E
Compromisso, interesse e envolvimento nas atividades.	E
Postura ética e humanitária no exercício das atividades.	E
Iniciativa e criatividade (capacidade de resolver problemas, apresentação de ideias).	E
Organização e método de trabalho (uso de meios racionais nos trabalhos; cuidado e organização na execução das tarefas e com instrumentos e equipamentos).	E
Apresentação pessoal (bom senso e adequação na apresentação pessoal conforme o ambiente de trabalho).	E
Desempenho na realização de tarefas (qualidade, rapidez, precisão, habilidade, ritmo de trabalho).	E
Facilidade de compreensão, assimilação e comunicação (facilidade em interpretar, por em prática ou entender instruções).	E

NOTA DE ZERO A DEZ (0 A 10) 10

COMENTÁRIOS E OBSERVAÇÕES

O estagiário demonstra grandes habilidades em ministrar aulas e se adaptar

facilmente às mudanças que surgem durante o processo. Mesmo com pouco tempo, conseguiu criar um vínculo muito bom com os alunos e com demais profissionais que atuam na sala.



Assinatura da Supervisão Técnica
(Se possível colocar o carimbo)

facilmente às mudanças que surgem durante o processo. Mesmo com pouco tempo, conseguiu criar um vínculo muito bom com os alunos e com demais profissionais que atuam na sala.



Assinatura da Supervisão Técnica
(Se possível colocar o carimbo)

Apêndice 2 – Atividade de coordenação motora: competição de pegar tampinha com o pé.



Apêndice 3 – Atividade “Sopa de Letrinhas”: identificação e classificação das vogais no processo de letramento.

